



## LINGUAGEM DE QUADRINHOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

João Carlos de Lima Neto<sup>1</sup>

Emmanuelle Rodrigues Antônio<sup>2</sup>

Izabelle de Cássia Chaves Galvão<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo resulta de leituras e reflexões com base na produção científica e tem por objetivo ressaltar as potencialidades da linguagem de quadrinhos no ensino de Geografia nos anos iniciais da Educação Básica. Discorre sobre os temas relacionados aos objetivos, os desafios de ensinar Geografia nos primeiros anos do Ensino Fundamental e o potencial pedagógico-didático dos quadrinhos para a alfabetização geográfica das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Geografia. Quadrinhos. Ensino Fundamental. Anos iniciais.

### INTRODUÇÃO

No decorrer deste texto são propostas reflexões sobre a importância de ensinar Geografia nos anos iniciais da Educação Básica, de desenvolver a leitura de mundo dos alunos, das linguagens, das escalas e categorias de análise no processo de alfabetização geográfica das crianças. Posteriormente, defende-se a adoção da linguagem de quadrinhos como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, ressaltando suas contribuições enquanto locução de aproximação entre os temas e conteúdos escolares, e as práticas espaciais cotidianas dos alunos.

Por fim, são apresentadas e discutidas sete tiras de quadrinhos divulgadas nas mídias de circulação na região metropolitana de Goiânia, destacando suas potencialidades para o ensino de Geografia nos anos iniciais da Educação Básica. Dentre os referenciais teórico-metodológicos adotados nestas discussões, destacam-se: Callai (1995; 2005), Castrogiovanni

---

<sup>1</sup> Licenciado e Mestre em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da UFG

<sup>2</sup> Licenciada e Mestra em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da UFG

<sup>3</sup> Licenciada e Mestranda em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da UFG



(1999), Straforini (2001; 2002), Silva (2010), Callai, Cavalcanti e Castellar (2012) e Leite (2015).

### **Ensinar Geografia nos anos iniciais da Educação Básica**

Ensinar Geografia nos anos iniciais da Educação Básica perpassa algumas questões importantes que têm sido temas de diversos estudos e reflexões realizadas por pesquisadores e pesquisadoras do ensino de Geografia, a exemplo dos objetivos da Geografia nesta etapa de ensino (CALLAI, 2005), das escalas de abordagem dos conteúdos (STRAFORINI, 2001; 2002), da alfabetização espacial (CASTROGIOVANNI, 1999; STRAFORINI, 2001; CALLAI, 2005), e do estudo do Lugar (CALLAI, 2005; CALLAI; CAVALCANTI; CASTELLAR, 2012).

Helena Callai (2005, p. 228) propõe algumas questões relacionadas aos objetivos de ensinar Geografia nesta etapa de ensino e destaca o desenvolvimento da *leitura de mundo* dos alunos como o mote principal da ciência geográfica, uma vez que esta leitura é “fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania”. Bem como destacado pela autora, a leitura de mundo pode ser feita por meio da leitura do espaço, logo, o processo de alfabetização dos alunos deve contemplar suas práticas espaciais cotidianas.

Ler a palavra escrita perpassa uma leitura de mundo anterior. Os alunos leem o mundo, antes mesmo de sua chegada à escola para aprender os signos e os significados das letras e das palavras. Esta leitura tem início nos primeiros momentos da vida, uma vez que a criança nasce em contato com um mundo que é contextualizado temporal e espacialmente. Esta é uma questão basilar na compreensão de leitura de mundo proposta pela autora.

Esta leitura de mundo, por sua vez, ultrapassa a leitura cartográfica proposta nos programas e práticas de ensino tradicionais. Nas palavras da autora:

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 229).



Embora a linguagem cartográfica seja importante para a leitura de mundo dos alunos, o ensino da Geografia nos anos iniciais não deve reduzir-se a ela. Deve-se buscar, nas práticas espaciais cotidianas dos alunos, no contexto cultural, social, econômico e político no qual se inserem, as referências para a alfabetização espacial destes sujeitos. Alfabetizar espacialmente, neste contexto, é permear o processo de alfabetização com temas e conceitos relacionados às práticas espaciais, é tomar o espaço vivenciado pelos alunos como referência para ensiná-los a ler e a escrever o e sobre o mundo.

Corroborando com tais discussões, Castrogiovanni (1999, p. 40) salienta que “cabe ao alfabetizador provocar no aluno a sensibilidade, a curiosidade, o desejo, o pensamento divergente, a sistematização de signos, a atribuição e a construção de significados para que ocorra a constante contextualização do mundo”, valorizando as experiências cotidianas situadas no tempo e no espaço.

Neste mesmo sentido, Straforini (2001, p. 83) ressalta que a “Geografia é um meio de enriquecer o processo de alfabetização, porque é no espaço geográfico que a criança tem as múltiplas possibilidades da realidade”. Destarte, cabe aqui destacar que a Geografia, enquanto ciência do espaço, pode e deve ser tomada como referência no processo de alfabetização, e que sua capacidade de aprimorar a leitura de mundo dos sujeitos é o viés que legitima sua permanência no currículo escolar dos anos iniciais da educação básica.

Avançando neste debate, Callai, Cavalcanti e Castellar (2012, p. 79-80) ressaltam ainda que o professor alfabetizador deve colaborar com o desenvolvimento do raciocínio espacial nas crianças, e que este:

[...] pode ocorrer por meio de estratégias de ensino que proponham a localização de símbolos em espaços conhecidos ou que identifiquem, como, por exemplo, no mapa, lugares de tamanhos diferentes (grande ou pequeno), distância (perto ou longe), e localizem lugares com cores e símbolos que estimulem noções como hierarquização espacial.

Tais orientações pressupõem um trabalho pedagógico orientado a partir das experiências e das vivências dos alunos com o lugar. Neste contexto, o lugar (de vivência), no entendimento das autoras supracitadas, é percebido numa relação nodal com os outros lugares



e com os objetos que o marcam. E, da relação de pertencimento estabelecida para com os sujeitos, surge uma importante categoria geográfica a ser trabalhada nos anos iniciais.

De acordo com as autoras, trabalhar com o lugar de vivência das crianças permite a articulação de diferentes experiências e relações (familiares e sociais), compreender a dinâmica dos fenômenos espaciais do mundo que os cerca e, também, propor aos alunos uma análise crítica do espaço geográfico no qual vivem suas vidas e produzem suas relações sociais, culturais e políticas. Ainda de acordo com as autoras, aprender Geografia permite aos alunos a conhecerem e compreenderem o “mundo da vida”, a lerem o mundo onde estes são atores e autores de suas práticas espaciais.

Destarte, trabalhar com a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental requer do professor as “referências teóricas que sustentam a sua interpretação e que permitam fazer com que o aluno reconheça os fenômenos como construídos social e historicamente, e que assim constroem o espaço em que vivemos” (CALLAI; CAVALCANTI; CASTELLAR, 2012, p. 84).

Trabalhar com o Lugar, de acordo com Callai (2005), permite uma prática pedagógica contextualizada e representa, também, um desafio aos professores: a complexidade do lugar em um mundo globalizado. Correlacionada a este mote tem-se uma questão importante posta ao ensino de Geografia nos anos iniciais: o desafio da totalidade-mundo (STRAFORINI, 2001). Esta importante questão, imbricada nas discussões apresentadas, relaciona-se às escalas nas quais a Geografia é trabalhada nos anos iniciais.

Rafael Straforini (2001), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo*, traz importantes discussões sobre esta questão. O autor atribui as leituras equivocadas e limitadas sobre a teoria construtivista de Piaget realizada no âmbito das escolas de Ensino Fundamental, na qual a inseparabilidade entre o indivíduo e o entorno (ou imediato concreto) deve ser tomada como referência no processo de ensino-aprendizagem, à dificuldade dos professores em trabalhar com a análise geográfica em distintas escalas. De acordo com Straforini (2002, p. 97), “mesmo trabalhando com o imediato concreto, a Geografia escolar nas primeiras séries continua fragmentada e com uma rígida hierarquia escalar”.

O autor assevera ainda que o global, distante e longe da realidade concreta do aluno é tido como demasiado abstrato e difícil de ser trabalhado com crianças na faixa etária de sete a



dez anos. Diante deste contexto desafiador e globalizado, o mesmo propõe que o ensino de Geografia nos anos iniciais observe a totalidade-mundo, uma vez que o mundo não é a soma dos espaços, e sim a indissociabilidade entre eles.

Não se trata de negar a importância do lugar de vivência e do contexto, mas de propor análises críticas que estimulem a compreensão das situações cotidianas e dos fenômenos espaciais desde os mais simples e concretos aos mais complexos e abstratos. Em semelhante análise, a título de exemplo, pode-se recorrer à reflexão proposta por Callai (1995, p. 31) ao articular lugar-mundo, onde discorre sobre o estudo do município na Geografia dos anos iniciais:

O lugar não se explica por si mesmo, ou melhor, os fenômenos que acontecem no município, as relações entre os homens, o processo de organização do espaço local não tem as explicações a partir do próprio local apenas. É importante e necessário estabelecer as ligações, buscar as explicações a nível regional, nacional e internacional inclusive. O estudo do local, comumente chamado de estudo do meio, só será consistente se estabelecermos estas ligações com outros níveis. É o local onde vivemos que nos oportuniza as bases concretas para encaminharmos a compreensão das relações sociais, do acesso ao espaço para viver.

Neste, a autora reconhece a importância e os benefícios de estudar o município e o lugar, uma vez que são potencializadores de uma prática pedagógica mais próxima ao cotidiano do aluno, porém ressalta a importância de correlacioná-la às outras escalas de análise, não a restringindo ao concreto imediato. O estudo do lugar, neste sentido, deve abordar o do global, e vice-versa. Neste mesmo contexto de críticas e desafios encontram-se as análises geográficas, por meio de *círculos concêntricos*. Por estas, entende-se a abordagem em escalas lineares – do próximo ao distante, do local ao regional, e depois ao global.

Esta abordagem, bem como ressalta Callai (2005, p. 30), constitui uma dificuldade e não uma solução para a Geografia escolar, tendo em vista que desconsidera a complexidade e a dinamicidade das relações espaciais. Nas palavras da autora: “num mundo em que a informação é veloz e atinge a todos, em todos os lugares, no mesmo instante, não se podem fechar as possibilidades em um estudo a partir de círculos hierarquizados”. Assim, propõe-se



a análise geográfica em sua multiescalaridade, que supere esta lógica em que a criança aprende em níveis hierárquicos.

No conjunto destes debates tem-se ainda outra questão basilar: a formação dos profissionais que ensinam Geografia nos anos iniciais. Conforme disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, os profissionais licenciados em Pedagogia estão habilitados para atuação na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental em todas as disciplinas que compõem o currículo escolar, dentre elas a Geografia. Neste contexto da formação deste docente polivalente (CRUZ; BATISTA NETO, 2012) emergem indagações como: qual é a Geografia que o pedagogo aprende? Como ele aprende a ensinar Geografia? (LEITE, 2015).

Ao discorrer sobre tais questões, a autora supracitada aponta a inexistência de respostas conclusivas em torno das questões relacionadas aos conteúdos, aos métodos e às fundamentações teóricas que orientam a formação destes profissionais para atuarem com a ciência geográfica, “desconhece-se não somente que Geografia é essa que os pedagogos aprendem no contexto de sua formação, mas também o modo pelo qual aprendem a ensinar Geografia” (LEITE, 2015, p. 85). Ainda de acordo com a autora, em virtude da ausência dos aportes teóricos metodológicos, os professores tendem a reproduzir em suas práticas docentes as experiências de sua formação.

Neste sentido, destaca-se ainda que diversos pesquisadores, sobretudo da área de ensino de Geografia, buscando colaborar com o ensino de Geografia nos anos iniciais e com a prática pedagógica destes professores polivalentes, têm se dedicado a desenvolver pesquisas relacionadas à temática e a elaborar propostas metodológicas para abordagem dos diversos temas e conceitos geográficos nesta etapa de ensino. Dentre as produções, pode-se citar a contribuição de Tomé e Rosa (2014), na qual as autoras discorrem sobre a importância de atividades lúdicas (jogos e brincadeiras) nos anos iniciais e as contribuições destas à aprendizagem dos conceitos geográficos.

No texto, as autoras ressaltam ainda que é necessário que o professor, ao trabalhar com a Geografia nos anos iniciais, busque novas alternativas metodológicas e mobilize recursos pedagógicos e linguagens diversas para instigar o interesse dos alunos e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Pode-se citar, neste contexto, a utilização da linguagem de



quadrinhos como recurso pedagógico, capaz de aproximar os conteúdos geográficos escolares das práticas espaciais cotidianas dos alunos nesta etapa de ensino.

### **Linguagem de quadrinhos no ensino de Geografia**

A linguagem de quadrinhos, com destaque para os cartuns, as tiras e as charges, se faz presente no cotidiano dos sujeitos escolares e, logo, caracteriza-se como uma importante linguagem e recurso pedagógico a ser mobilizado no trabalho com diversos temas e conceitos das várias áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar. A mesma é recomendada como linguagem educativa desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, e se faz presente em diversas faces do processo educativo, desde os livros didáticos às avaliações em larga escala.

Tratando-se da utilização desta linguagem no ensino de Geografia, uma importante referência a ser destacada é a professora Eunice Isaias da Silva, a qual dedicou sua pesquisa de doutorado (SILVA, 2010) e projetos de pesquisas (SILVA; OLANDA; SILVA, 2016) à temática. Dentre suas importantes contribuições destacam-se as reflexões acerca da potencialidade das linguagens de quadrinhos na abordagem dos temas e conteúdos geográficos.

A autora defende a utilização das charges, dos cartuns e das tiras como linguagens alternativas na Geografia escolar, e afirma que estas podem contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos, uma vez que são capazes de tratar de temas presentes no cotidiano dos sujeitos escolares e mobilizam o interesse e o gosto destes pela Geografia. A linguagem de quadrinhos está presente e trata de temas que emergem do cotidiano. Grande parte dos sujeitos escolares tem acesso a elas, uma vez que estão nos veículos de comunicação e são, de modo geral, de custo acessível. Estas abordam diversos temas de cunho político, econômico, social e cultural vinculados diretamente às vivências dos sujeitos, e relacionam-se com suas práticas espaciais em diferentes escalas e contextos.

Podem ser encontradas, a título de exemplo, tiras que abordam desde um escândalo de corrupção política no congresso nacional, como outras que tratam de uma prática cultural de um grupo específico. Em ambos os casos é claramente identificado o potencial geográfico do tema que pode ser abordado em sala de aula. Outro apontamento importante a ser



destacado refere-se à própria estruturação dos quadrinhos, que trazem elementos textuais, não textuais e artísticos, em que prevalecem o humor, a ironia, a crítica e a criatividade.

De acordo com Silva (2010, p. 36), a utilização desta linguagem na escola “permite aos estudantes ampliarem a capacidade de observação e de expressão, ao estimular a fantasia, ao despertar o prazer estético, o senso de humor e a crítica, tornando o ato de ler uma atividade prazerosa e contribuindo para estabelecer o hábito saudável da leitura”. Sem dúvidas, esta é uma linguagem que mobiliza o interesse e a atenção dos alunos e que possui claras potencialidades pedagógicas.

Utilizar esta linguagem em sala de aula requer do professor de Geografia planejamento, clareza dos objetivos pedagógicos e uma atenciosa seleção das tirinhas, que devem ser contextualizadas e articuladas aos objetivos e às práticas espaciais cotidianas dos alunos. Deve-se reconhecer que a linguagem de quadrinhos é, também, representação do espaço geográfico em suas múltiplas expressões e, por isso, pode mediar a elaboração dos conceitos na Geografia escolar.

Considerando as discussões e os argumentos expostos, e buscando colaborar com o ensino de Geografia nos anos iniciais da educação básica, este artigo deter-se-á a esboçar algumas reflexões sobre as possibilidades de utilização da linguagem de quadrinhos como recurso didático para ensinar Geografia para crianças.

### **Potencialidades dos quadrinhos para ensinar Geografia nos anos iniciais**

No contexto das reflexões apresentadas, o texto ater-se-á, neste momento, a discutir as potencialidades da linguagem de quadrinhos no ensino de Geografia nos anos iniciais da Educação Básica, tendo como referência sete produções que abordam temas distintos relacionados às práticas espaciais cotidianas dos sujeitos escolares (práticas de lazer, inovação tecnológica, diversidade cultural e elementos físico-naturais).

É importante destacar que os quadrinhos a serem apresentados a seguir foram coletados dos resultados da pesquisa intitulada *As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia na linguagem de quadrinhos* (SILVA; OLANDA; SILVA, 2013), desenvolvida no Programa Bolsas de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás, vinculada ao Centro de Estudos e Pesquisas Aplicadas à Educação, a qual teve o propósito de analisar a linguagem de



quadrinhos enquanto produção popular e suas potencialidades no ensino de Geografia. Os produtos desta pesquisa estão disponíveis para acesso e download no *website* da instituição.

Adiante são apresentadas e discutidas sete tiras de quadrinhos da Turma da Mônica, criadas por Maurício de Souza e publicadas entre os anos de 2012 e 2013 no Jornal *O Popular*, impresso e de circulação diária na região metropolitana de Goiânia, Goiás. Estas tiras são caracterizadas pela estrutura de formação simples, curta e de fácil compreensão, diferindo-se de outras linguagens de quadrinhos, como os cartuns. Apresentam, em até quatro quadros, todo o enredo da narrativa e abordam motes presentes no cotidiano dos alunos.

Inicialmente, nas figuras 01 e 02, são abordados temas relacionados às atividades de lazer comumente praticadas por crianças, e são protagonizados por dois personagens da turma da Mônica, o Chico Bento e a Magali.

**Figura 1** – Chico Bento e a pipa



Font

e: *O Popular*, 2 nov. 2012. Magazine, p. 6.

Esta tira mobiliza a linguagem visual para abordar uma brincadeira praticada por muitas crianças em diferentes espaços e contextos – soltar pipa – e os conflitos decorrentes desta. Esta brincadeira está, sem dúvidas, presente no cotidiano de diversas crianças em idade escolar e pode suscitar diversas discussões sobre temas geográficos e a mobilização das experiências vividas.

Pode-se, a partir dela, por exemplo, propor debates sobre as relações sociais estabelecidas com os amigos e vizinhos, os lugares onde brincam e as disputas pelos territórios e pelas brincadeiras entre as crianças, conjuntamente o trabalho de atitudes e valores. Além disso, um fato e situação marcante, que é passível de ser mobilizado o debate



como um tema transversal, é a utilização da linha de cerol e as consequências de sua utilização. Na figura 2, Magali protagoniza um passeio pelo Zoológico da cidade.

**Figura 2 – Magali vai ao Zoológico**



Font

e: O Popular, 23 jun. 2012. Magazine, p. 6.

Esta tira também utiliza essencialmente a linguagem visual, e sua interpretação decorre do conhecimento prévio acerca do perfil da personagem: detentora de um apetite insaciável. Diferentemente da tira anterior, nem todas as crianças tem o acesso ou o hábito de frequentar o Parque Zoológico da cidade, ainda que seja uma prática comum nas escolas promover atividades extra sala de aula neste espaço. Ainda assim, deve-se ressaltar o potencial pedagógico do quadrinho e deste espaço no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A tira em questão pode instigar a abordagem de temas associados à relação entre homem e natureza e a apropriação dos espaços públicos urbanos, por exemplo. Com a problematização e indagação do “porque” os animais estão no zoológico, pode-se evidenciar que este não é o seu ambiente natural; relacionar a espécie e os locais de origem, os continentes, um exercício de biogeografia, iniciando o conteúdo de afastamento dos continentes e a evolução das espécies; relacionar a ação do homem como um dos fatores desses animais estarem ali, como a caça e a apropriação dos ambientes naturais desses animais.

Destaca-se ainda que o Parque Zoológico possui um grande potencial pedagógico, não apenas para a Geografia, podendo mobilizar temas e conceitos de outras áreas do



conhecimento, a exemplo das Ciências Biológicas. A próxima tira (figura 3) aborda o modo como a inovação tecnológica se faz presente na vida das crianças.

**Figura 3** – Turma da Mônica na era da Internet



Font

e: O Popular, 20 ago. 2012. Magazine, p. 6.

Protagonizada por Magali e Mônica, a tira aborda a utilização da internet no cotidiano, reconhecendo que esta, na atualidade, se configura como um dos mais importantes meios de informação e comunicação, do qual grande parte das crianças tem contato, seja pelo computador ou pelo celular, diretamente ou por intermédio de um adulto. Facilmente, em uma sala de aula, encontram-se alunos com idades entre seis e dez anos que se utilizam desta ferramenta para jogar e assistir filmes. Outro apontamento importante referente a esta tira de quadrinhos diz respeito ao uso da linguagem textual que, diferentemente das anteriores, explora mais o diálogo entre os personagens.

Neste contexto, o professor pode propor atividades que envolvam discussões acerca do modo como os alunos fazem uso desta ferramenta, suas possibilidades e os perigos presentes na internet. Pode-se ainda avançar nos debates acerca da diminuição das distâncias espaço-temporais na atualidade, afinal, por meio desta ferramenta pode-se ter acesso a informações sobre fatos ocorridos em diferentes espaços e tempos, despertando o sentido da pesquisa nas crianças.

Em síntese, pode-se, a partir desta tira, trabalhar com temas geográficos diversos, a exemplo do consumo, das escalas e das relações pessoais e sociais, e também evidenciar a globalização como um fenômeno global, presente nos diferentes espaços sociais. A figura 4, por sua vez, enfatiza as diferenças culturais e é protagonizada por Chico Bento.

**Figura 4** – Chico Bento e as bandas da cidade

Font

e: O Popular, 18 jan. 2013. Magazine, p. 6.

O confuso entendimento de Chico Bento enriquece a tira e excita a capacidade de leitura e interpretação das crianças. Nesta, é evidenciada a pluralidade dos gêneros musicais, das expressões culturais presentes em diferentes contextos urbanos e rurais. O professor pode utilizar-se desta tira para abordar os temas relacionados ao campo-cidade, globalização, preconceito cultural e alteridade, buscando desmistificar a relação campo e cidade em sentido stricto sensu, uma vez que no contexto do mundo globalizado essas relações não ocorrem separadamente.

Rompendo com o ideário “que o da cidade é melhor”, engendrado pelo capitalismo, que favoreceu o êxodo rural na época da modernização da agricultura, essa idealização da cultura citadina se propagou e gerou uma desvalorização da cultura rural e dos hábitos caipiras. Pode-se ainda mobilizar atitudes e valores, a utilização de outras linguagens e propor outras atividades que possibilitem aos alunos compreender as distintas expressões da cultura em uma relação de alteridade e que se aproxime de seu cotidiano, a exemplo de músicas, fotografias e mapas.

Essencial, neste contexto, é utilizar dos conhecimentos geográficos para propor uma leitura crítica e reflexiva acerca das distintas manifestações da cultura que permeiam as práticas espaciais destes alunos. A quinta tira (figura 5) aborda outras questões específicas relacionadas à cidade.

**Figura 5** – Cascão e o orelhão



Fonte: O Popular, 22 set. 2012. Magazine, p. 6.

Na tira em questão, Maurício de Sousa utiliza a linguagem visual e artística para abordar a questão da limpeza urbana, e a compreensão da mensagem requer que o leitor conheça o perfil traçado do personagem protagonista, o Cascão. Para além da limpeza urbana, o professor de Geografia pode abordar outras temáticas, a exemplo das redes de comunicação, da utilização dos bens públicos e das relações de trabalho, como também a mobilização de temas transversais, saúde e higiene pessoal, despertando o sentido de autonomia para o desenvolvimento da criança.

Tratando-se dos anos iniciais, também pode-se explorar a linguagem visual na leitura e interpretação da tira e propor atividades que envolvam o registro escrito, por exemplo. Nas próximas tiras (figuras 6 e 7) são abordadas algumas questões específicas relacionadas às dinâmicas do clima.

**Figura 6 – Chico Bento e o Balneário público**



Fonte: O Popular, 24 nov. 2012. Magazine, p. 6.



Chico Bento protagoniza uma típica tarde de lazer compartilhada em um espaço público: o balneário da cidade. Destaca-se, nesta, o potencial de abordagem das questões relacionadas às temáticas físico-naturais na Geografia e o modo como as pessoas vivenciam em suas práticas espaciais cotidianas.

Ainda que esta não seja uma prática compartilhada entre muitos alunos, esta tira apresenta diversos temas geográficos que estão presentes no cotidiano deles, a exemplo das temperaturas climáticas, da vegetação e dos canais fluviais urbanos. Em sala de aula, a tira pode ser utilizada como ponto de partida para abordar estes temas, buscando estabelecer conexões entre a prática retratada e as vivenciadas pelos alunos, ressaltando a questão do clima e suas influências na sociedade, questões relacionadas aos espelhos d'água e o conforto térmico nos centros urbanos, e o trabalho com atitudes, valores e normas para a utilização de espaços de uso coletivo.

**Figura 7** – Turma da Mônica e a chuva de verão



Fonte: O Popular, 25 out. 2012. Magazine, p. 6.

Por fim, a tira acima é protagonizada pela turma da Mônica em um episódio de ocorrência de uma chuva de convecção, popularmente conhecida como “chuva de verão” (fenômeno climático provocado pela evapotranspiração de superfícies úmidas e aquecidas). Sem utilizar-se necessariamente da linguagem escrita, Mauricio de Sousa chama a atenção para a celeridade na qual o fenômeno climático ocorre.

Em sala de aula sua utilização pode incitar o debate acerca das dinâmicas climáticas e temas a elas relacionados, a exemplo da evapotranspiração, pluviosidade, nebulosidade, estações do ano, a importância da chuva para a manutenção da vida, etc. E, com isso, levantar problematizações sobre enchentes e alagamentos, a ocupação de áreas de risco, já que a chuva



é muito associada como ocasionadora de problemas. Assim como na tira, o professor pode mobilizar as práticas de lazer das crianças como referência para abordar os conteúdos específicos sobre climatologia geográfica.

Os quadrinhos apresentados anteriormente suscitam diferentes e variadas discussões de conhecimentos geográficos. Silva (2013, p. 2017) confirma nossa discussão: “[...] os quadrinhos retratam muitas situações de conteúdo geográfico que podem ser analisadas em escalas local, regional, nacional ou mundial”. E consideramos que mobilizam temas e conteúdos da Geografia, mas também temas transversais, que podem ser trabalhados conjuntamente na alfabetização nos anos iniciais, com a inserção de ética, valores, atitudes e normas. As tirinhas contribuem para ampliar as ferramentas e estratégias que os professores têm a sua disposição para encaminhar o processo de leitura do espaço geográfico das crianças.

## CONCLUSÃO

A linguagem de quadrinhos possui um grande potencial a ser explorado no ensino de Geografia nos primeiros anos do Ensino Fundamental, uma vez que aborda temas relacionados às práticas espaciais dos alunos em suas múltiplas dimensões, desde relações econômicas, políticas e culturais até a presença dos elementos físico-naturais (solo, clima, relevo e rochas) no cotidiano. Destarte, o professor pode utilizar-se desta linguagem para mobilizar o interesse dos alunos pelos conhecimentos geográficos, instigá-los a buscar nestas representações os elementos que os auxiliam a ler e compreender o mundo em que vivem.

Os quadrinhos, neste contexto, são defendidos como linguagem alternativa, que pode contribuir com o trabalho pedagógico-didático do professor em sala de aula mediante ao fato que os quadrinhos conseguem abarcar diferentes conteúdos em um mesmo contexto, concretizados pelo desenho e frases curtas de impacto. Os quadrinhos suscitam discussões e reflexões nas aulas de Geografia dos anos iniciais, pois possibilitam que o docente mobilize temas e conteúdos geográficos, além de temas transversais.

No presente artigo, por exemplo, evidenciamos a multiplicidade de temáticas que podem ser abordadas a partir da leitura e interpretação de uma tira de quadrinho, e que sua utilização não extingue a possibilidade de mobilizar outras linguagens e propor atividades complementares, a exemplo de atividades que envolvam o desenvolvimento da escrita dos



alunos. Os quadrinhos constituem um momento de interpretação da realidade, já que trazem contextos espaciais explícitos e implícitos concretizados no espaço geográfico, e das múltiplas relações sociais e naturais, que se consolidam nos diferentes lugares, territórios e paisagens.

Destaca-se, por fim, que este texto não tem o intuito de elaborar receitas pedagógicas para os professores, mas de evidenciar o potencial dos quadrinhos para a alfabetização geográfica dos alunos nos anos iniciais da Educação Básica, reconhecendo que esta é uma linguagem que instiga o interesse e se aproxima da criança, ao tratar, em grande parte, de histórias protagonizadas por outras crianças.

Os quadrinhos são um aporte a mais para o desenvolvimento das aulas de Geografia, uma forma lúdica e crítica de se ensinar e aprender a ler o mundo. Assim, nosso objetivo foi demonstrar que os quadrinhos guardam significados que são interpretados pelos olhos de seu leitor, e que o professor de Geografia tem a possibilidade de mostrar que um “desenho” guarda mais significados do que simplesmente o entretenimento em uma leitura despreziosa. Isto é, os quadrinhos abarcam conhecimentos que suscitam uma leitura espacial e discussões.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 20, p. 31-34, dez, 1995.

\_\_\_\_\_. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio-ago, 2005.

\_\_\_\_\_; CAVALCANTI, Lana de Souza; CASTELLAR, Sônia Vanzella. O estudo do lugar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Terra Livre**, São Paulo, vol. 01, n. 38, p. 79-98, jan-jun, 2012.

CASTROGIOVANI, Antônio Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CRUZ, Shirleide Pereira da Silva; BATISTA NETO, José. A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 50, 2012.



LEITE, Cristina Maria Costa. Considerações sobre o processo de formação dos professores que ensinarão Geografia nos anos iniciais de escolarização. In: RABELO, Kamila Santos de Paula; BUENO, Miriam Aparecida. (Org.) **Currículo, políticas públicas e ensino de Geografia**. Goiânia: *Editora da PUC Goiás*, 2015. p. 77-101.

O POPULAR. Goiânia: 2012-2013.

SILVA, Eunice Isaias. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

\_\_\_\_\_. Temas geográficos na linguagem de quadrinhos. In: SILVA, Eunice Isaias; PIRES, Lucineide Mendes. (Org.) **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: *Editora da PUC Goiás*, 2013. p. 215-233.

\_\_\_\_\_; OLANDA, Elson Rodrigues; SILVA, Juliane Carla. As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia na linguagem de quadrinho. **Relatório de pesquisa**, Centro de Estudos e Pesquisas Aplicadas à Educação, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://www.cepae.ufg.br/n/46608-conteudos-geograficos-de-goiania-e-de-goias-na-linguagem-de-quadrinhos>. Acesso em: 20 jul. 2016.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, São Paulo, vol. 01, n. 18, p. 95-114, jan-jun, 2002.

TOMÉ, Iris Maria; ROSA, Odelfa. Brincando com a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Anais VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Vitória, 2014.